

CHRISTIAN BOLTANSKI

livros, impressos, efeméridos, 1966-1991

Exposição de 13 de abril a 1º de maio

Realização

Escola de Artes Visuais

Serviço Cultural do Consulado Geral da França

AFAA - Association Française d'Action Artistique

Curadoria

Reynaldo Roels Jr

A AFAA, Association Française d'Action Artistique do Ministério das Relações Exteriores francês, co-editou esses impressos com os seguintes parceiros : Portikus em Frankfurt, Le Consórtium Dijon e a Galeria Jennifer em Paris. Os impressos deram lugar a esta exposição em colaboração com Bernard Baissait, grafista, Marie-Paule Serre e Emmanuelle de Montgazon, da AFAA.

CHRISTIAN BOLTANSKI

Christian Boltanski nasceu em Paris em 1944. Numerosas exposições pessoais foram realizadas em Paris, Grenoble, Munique, Chicago, Los Angeles, Madrid, Bâle, Londres, Eindhoven, etc. Participou da Documenta 5 (1972), da Bienal de São Paulo (1985) da Bienal de Veneza (1986), da Documenta 8 (1987) e de numerosas manifestações coletivas no mundo inteiro entre 1970 e 1992.

O desafio de Marcel Duchamp permanece como uma das mais constantes obsessões culturais do século: quem diz o que é arte são os artistas. Ou, ao menos, a comunidade artística, conforme as possibilidades de compreensão do problema. E não têm faltado aqueles que, de um modo ou de outro, reafirmaram o primado duchampeano ao longo das últimas décadas. Desde os anos 50, Yves Klein (o vôo do artista), Piero Manzoni (a merda do artista) e Joseph Beuys (a vida do artista) são dos mais imediatamente lembrados - a despeito das diferenças, por vezes intransponíveis, entre eles. Não se pode mais falar em "obra" neste caso. Os artistas passam a ser eles mesmos o centro dos acontecimentos. (Antonio Manuel, no Brasil, fez o mesmo no Salão Nacional de 1969: apresentou-se ao júri ele próprio como trabalho; foi recusado, mas fez uma performance na abertura). Christian Boltanski se insere na mesma linhagem. São todos artistas "no limite", estranhos mas essenciais ao nosso universo cultural.

Diferentemente de todos os outros, porém, Boltanski assume uma positividade pouco comum entre os herdeiros da antiarte. Embora uma parte de sua produção possa ser diretamente entendida a partir da dúvida de Duchamp - em 1985, na Bienal de São Paulo, sua instalação Sombras remetia o espectador ao problema platônico essencial, aquele da pertinência da arte -, a outra parte de seu trabalho sugere uma poética em nada cética. O artista potencializa, quer um, quer outro dos entendimentos possíveis. Se ele está de fato no centro dos acontecimentos, sem obra que lhe seja exterior, Boltanski ao mesmo tempo institui um discurso onde a positividade de seu gesto serve de garantia para a qualidade artística do trabalho. Ora, é dessa mesma garantia que duvida a antiarte mais radical, com sua esperada ênfase sobre a convencionalidade dos valores culturais. Mas não Boltanski, com seu discurso sobre a historicidade de seus gestos, de suas recordações, de sua vida enfim. Não um discurso sobre a história, mas um discurso na história. Suas fotografias, seus cartões e seus manuscritos - até mesmo sua dúvida - acabam-se constituindo em um mergulho do sujeito em si mesmo capaz de fornecer os fundamentos de que, se externos a ele, seriam legitimamente passíveis de dúvida. Ao internalizar a questão, Boltanski sugere uma resposta mais sutil, mesmo que tão problematizada quanto as demais.

É com este universo de respostas precárias (porque evasivas) que Livros, Impressos, Efemérides dialoga. O material básico: trabalhos progressos do artista. Os trabalhos progressos: registros de sua vida, sem heroísmo. Fotografias do artista criança, de objetos pertencentes a outrem ou retratos encontrados em lápides de cemitério; o percurso irônico que vai do cartão de visitas que anuncia a doença até a vida anônima da classe média que se aliena em seu cotidiano mesquinho. Tudo em voz baixa, evitando qualquer tentação de grandiloquência ou de histrionismo (sequer em seqüências dramáticas: os assassinados). Não se trata de uma cenografia, nem Boltanski faz épicos: ao contrário, o intimismo é necessário, como estratégia artística, não como finalidade existencial. Se há um dilema existencial, ele se resume no fazer (e como fazer) arte.

CHRISTIAN BOLTANSKI

livros, impressos, efeméridos, 1966-1991

A produção dos impressos detém um lugar importante na obra de Christian Boltanski. Ela acompanha sua reflexão e reforça seu trabalho plástico.

No início dos anos 70, Boltanski se dedica à reconstituição de gestos e ao inventário de objetos. Pela fotografia, ele autentica os diferentes momentos de sua infância e uma vida anterior muitas vezes inventada. Sua objetividade que beira o científico, da reportagem à busca etnográfica, é acompanhada pela publicação de livretos onde o limite entre o inventário e o álbum de recordações voluntariamente não é designado.

De 1972 a 1975, as "Reconstituições" tentam reproduzir os estereótipos da fotografia amadora e os inventários de objetos. A publicação de livros, quase sistemática, dá nova dimensão a seu trabalho. Do álbum de recordações ao repertório arqueológico, seu trabalho plástico é assim transportado a intimidade de uma biblioteca, podendo ser consultado por um público que aí reencontrará suas próprias fotos de juventude, colegas de escola, objetos de sua infância. Se a obra pertence somente ao artista, a difusão, a multiplicação em exemplares impressos suscitam a apropriação.

Nos anos 80, as "Lições das trevas" fazem apelo a um outro sentimento igualmente pessoal e universal: o desaparecimento. As fotografias de rostos, desfocados iluminadas por luzes elétricas ou impressas em caixas de biscoitos, são dispostas como monumento funerário.

Roupas guardadas num canto ou expostas no chão são perseguidas pelo corpo dos desaparecidos. Esses verdadeiros ícones, que pertencem a todo indivíduo, impregnam-se de uma multidão de recordações pessoais. Os livros inspirados nesses monumentos os reconstituem de outra forma e os álbuns dos seres queridos desaparecidos podem assim ter um lugar ao lado das lembranças de infância.

Na biblioteca de Christian Boltanski a intimidade se confunde com o universal. Ele emoldura suas páginas, dispõe seus livros-objetos em vitrines que, da vida à morte, reconstituem as lembranças essenciais e comuns a cada ser humano. Ele se mostra para revelar as lembranças dos outros.